

Um compromisso sesquicentenário

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

Causou espécie a informação de que o Governo britânico se nega a tomar parte no novo empréstimo internacional solicitado pelo Brasil, para compor, por meio de renegociação, o pagamento da dívida em termos enquadrados em nossas atuais possibilidades econômicas. O sizado **The Times**, de Londres, comenta o assunto com a afirmativa de que há um problema político, o direito de escala em território brasileiro dos aviões britânicos, na rota entre a Inglaterra e as Ilhas Malvinas. Esse pouso é considerado essencial e está sendo apresentado como um elemento de barganha, que evidentemente, pelas razões conhecidas, não pode ser aceito pelo Brasil.

A guerra entre a Argentina e a Grã-Bretanha continua tecnicamente a produzir efeitos desagradáveis, e que o Brasil não pode deixar de considerar, dado os vultos dos seus interesses políticos e econômicos com o país vizinho. Parece que não houve nenhuma solicitação explícita por parte do Foreign Office, nem se estabeleceu essa condição para resolver um problema que se coloca inteiramente na área econômica. Mas os círculos bancários de Londres mostram-se desconfiados de que a Dama de Ferro, Primeira-Ministra Margaret Thatcher, dá inteira primazia à questão das Malvinas, o que logicamente faz que ela não desperdice oportunidade para fazer pressão sobre o Brasil.

Bem no seu estilo de enfrentar os problemas do Governo, como uma dona-de-casa operosa e sensata, Margaret teria feito saber que os próprios brasileiros têm que aceitar de bom grado sacrifícios para sair dos seus apertos, como em horas semelhantes os ingleses têm feito. Não estamos pedindo aos banqueiros nenhuma liberalidade especial, e sim que considerem os seus próprios interesses, vendo que ajudar o Brasil nestas duras circunstâncias é também ajudarem-se a si mesmos. Estamos afinal no mesmo barco e se houver naufrágio ninguém escapará ileso. A Inglaterra precisa exportar, e os seus tradicionais mercados brasileiros poderão ser afetados de maneira desastrosa, se não obtivermos em hora crucial uma cooperação correspondente aos laços históricos que prendem os dois países, desde a abertura dos portos mais do que sesquicentenária.